Longe da mera ficção: encontros literários entre *O menino do pijama listrado* e *O órfão de Hitler*, e sua pertinência em reflexões sociais

*Far from a mere fiction: literary encounters between *The Boy in the Striped Pyjamas* and *The Ausländer*, and their relevance in social issues*

Jonathan Bernardo Menger

Mestre em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil.

E-mail: menger.jb@gmail.com

Resumo

O texto objetiva fazer uma análise crítico-comparativa entre duas obras estrangeiras que discorrem sobre os terrores do nazismo na 2ª Guerra, trazendo possíveis reflexões para os dias atuais.

BOYNE, John. *O menino do pijama listrado*. São Paulo: Seguinte, 2016.

DOWSWELL, Paul. *O órfão de Hitler*. São Paulo: Planeta, 2016.

Há, mais ou menos, recentes setenta e três anos, a Guerra fechava as cortinas do palco de um show de horrores. Aí, quase inevitável não recordar de palavras-chave bastante clichês como Hitler, suástica, nazismo, Gestapo, campo de concentração, entre outras. São vários os exemplos cotidianos que nos possibilitam refletir sobre as mazelas do mundo e, em se tratando de 2ª Guerra Mundial, não poderia ser diferente. É possível hoje encontrarmos, e infelizmente não se pode dizer que de forma mascarada – os veículos de informação legitimam isso –, seus resquícios que, nada mais, nada menos, se resumem a preconceitos e a visões de mundo mal fundamentadas.

E não é de se estranhar que os livros também nos possibilitam um olhar, além de histórico, literário sobre essas mazelas, garantindo sua consistência presente na realidade. Como exemplos disso, podemos citar em dose dupla alguns tópicos temático-literários bem marcantes de *O Menino do Pijama Listrado* e *O Orfão de Hitler*. Ambas as obras, claramente, retratam episódios de um contexto não muito remoto, a partir de uma espécie de eixo que as liga: um olhar, em terceira pessoa, a protagonistas jovens, ingênuos, inocentes e puros, que lidam com os infortúnios de um período deveras obscuro.

John Boyne, em narrativa curta, conta a história de como Bruno nunca conheceu a real face da 2ª Guerra, mesmo vivendo sob ela. Não, claro, passando pelas mesmas circunstâncias de Shmuel – judeu sem prestígio algum –, também ingênuo, já que pertencia a uma família bem requisitada. Nisso, dá-se destaque ao pai que, com poder, reflete-se como sendo um daqueles que personificam uma Alemanha levantada e recuperada, cheia de si e farta de tantos outros, representada pela liderança de "O Fúria", nome quase nada sugestivo, se pensado na intenção do autor em retratá-lo como uma espécie de anti-herói – Hitler, claramente.

Paul Dowsell, em narrativa longa, conta a história de Piotr, menino que, durante a 2ª Guerra Mundial, veio a ficar órfão de um jeito bastante trágico. Interessante audácia do autor em sua criatividade é mostrar o protagonista com todos os dotes de um exemplo perfeito de raça nórdica e, em vista disso, ser objeto de adoção por uma família que por ele e por suas características arianas mostrava bastante interesse.

Diferenças nesses livros são encontradas no estilo e até mesmo nas formas narrativas. É bem possível que vários digam apreciar mais a criação de Boyne, em vista da escrita fácil, menos densa e pela fluidez com que a história discorre.

Dentre tantos aspectos geniais, interessante salientar a metáfora atribuída aos protagonistas: Bruno é a ingenuidade, enquanto Pitir (Peter, depois) é a inocência perdida. Até o final do livro, Bruno convive apenas com o pouco do que pode interpretar acerca de seu mundo, já que ninguém fazia questão de lhe contar nada a respeito do que realmente estava acontecendo. Era tanta a sua inocência que pensava que Shmuel vivia num lugar bom, situação clara nas palavras do narrador, quando nos conta que "[...] ele pensava que todas as cabanas estavam cheias de famílias felizes [...]" (BOYNE, 2016, p. 179). Com Peter, é diferente: logo no início do enredo se encontra nu, junto a "[...] vinte e tantos outros meninos [...]" no corredor comprido e cheios de correntes de ar" (DOWSWELL, 2016, p. 7), e, mais tarde, percebe que pertencer à raça sub-humana, segundo a família que o adota, é um infortúnio.

Em questões de semelhanças, como já dito antes, citamos o uso de personagens protagonistas jovens que convivem com os retardos da 2ª Guerra Mundial. E nisso também sentimos a voz dos autores, por meio de seus respectivos narradores. John Boyne não nos conta muito sobre questões da Guerra, apenas deixa alguns subentendidos, facilmente entendidos por quem conhece um pouco sobre o período ("as palavras que dizia sempre que saía da presença de um soldado [...]") (BOYNE, 2016, p. 53), fazendo referência a "Heil, Hitler". Incorpora, então, o discurso de seu personagem, cujas ideias são virgens, não oriundas de maldade. Paul

Dowswell faz diferente: reserva bastantes parágrafos para tratar detalhadamente sobre fatos da Guerra, abordando informações obscuras pouco sabidas em relação às costumeiramente comuns. Não é de se esperar menos, ao se observar no posfácio que o autor baseou sua obra em muitas fontes, extraídas de relatos de testemunhas ou de fotos da época. Legitima seu discurso nessa ideia, dizendo que "ao escrever sobre uma ideologia tão radical e grotesca quanto o nazismo, é fácil cair na caricatura" (DOWSWELL, 2016, p. 269).

Livros assim são interessantes, pois nos fazem refletir, além de revisitar fatos históricos, não apenas sobre o horror desse período tenebroso, mas também sobre o que disso, infelizmente, ainda restou nos nossos dias. Não há mais campos de concentração em ação, mas ainda há diversos massacres diários a quaisquer formas de diferenças, corrompendo a ingenuidade e o amor que, sob muito esforço, ainda se fazem presentes. E é de maneira genial que o narrador de Boyne, retratando a singeleza de Bruno, fecha a obra com este trecho: "Claro que tudo isso aconteceu há muito tempo e nada parecido poderia acontecer de novo. Não na nossa época" (BOYNE, 2016, p. 186). No espaço em branco que sucede essas linhas finais, declarando um infeliz desfecho, Boyne não deixa de acabar plantando, no que se pode interpretar, um grande incômodo na mente leitora, deixando algumas reticências subentendidas, seguidas de um ponto de interrogação que colocamos a nós mesmos ao fazer um possível questionamento: "será?".

Resenha enviada em: 03 abr. 2019